

LABORATÓRIO, MATERIALIDADES E HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Este livro apresenta-se como um objecto científico, no sentido de construir práticas de investigação em história da ciência. Quintino Lopes resgatou do esquecimento da memória um actor maior da Fonética de Laboratório da ciência europeia – Armando de Lacerda – ciência laboratorial em circulação, em trocas de gentes, de ideias e de conhecimentos pelo eixo do oceano Atlântico. Diz-nos o Autor em forma de Epílogo que usou “correspondência particular, fotografias, cartões-de-visita, requerimentos, pareceres, ofícios, facturas, recibos, passaportes, imprensa, certificados, relatórios, publicações, instrumentos científicos, desenhos, diários e memórias...”. Um produto científico com estética e ciência incorporada que nos traz novas fontes, novas metodologias, novas abordagens para a História da Ciência.

Em tempo de questionar historiograficamente as *grandes* biografias hagiográficas, esta tipologia de biografia de cientista aqui omnipresente centra-se na busca de uma visão de homem unidimensional (Herbert Marcuse, *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*, Edipro, 2015) que olha cientificamente o mundo de laboratório como uma paleta polifacetada da condição humana. Armando de Lacerda foi o cientista que valorizou os pequenos gestos do quotidiano humano, o sorriso, a postura de gravata para uma gravação de campo ou falar no laboratório perante o microfone, a postura de congressista em acção, ou em tempo de socialidade de programa de turismo científico, ou pura e simplesmente mostrar o país aos que se acolhiam cientificamente no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pelos espólios materiais recolhidos e trabalhos – e que são parte estruturante desta narrativa de história da ciência do século XX – percebemos como as invisibilidades exteriores à *big science* são

o *toque de midas* para entender a prática científica de um laboratório, fora do espaço laboratorial. O núcleo de fotografias de trabalho de campo de recolhas fonéticas – Portugal do interior alentejano de meados de século XX – traz para a mesa de trabalho do historiador, particularmente do historiador da ciência, o sorriso ou a perplexidade estampada em rostos humanos; faz entrar para o universo da prática da ciência as crianças, traquinas, descalças ou alinhadas, pousando para a posterioridade. Olhando algumas das fotografias deste livro sentimos um impulso imediato de reler os vários opúsculos de Bento de Jesus Caraça (1901-1948) – o intelectual cientista de comprometimento social – alinhados em *A Cultura Integral do Indivíduo. Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, Gradiva, 2008.

Este livro, *Uma Periferia Global: Armando de Lacerda e o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra (1936-1979)* coloca-nos, pois, perante novos desafios para a história da ciência. Para a prática de fazer história (e não acumular pedaços de memória descontextualizados) de forma comparada, transnacional, viva e internacional como é marca de fazer ciência profissional, à volta de um laboratório equipado com instrumentação científica, com cientistas de bata branca! Seguramente que nessa bancada montada na Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, Armando de Lacerda exercitou inúmeras vezes a ideia que “**Só se consegue uma grande simplicidade à custa de muita complexidade**” (p. 135). E essa complexidade é a essência da história do laboratório enquanto espaço científico, enquanto alvo de uma análise de complexidades sobrepostas pelas malhas do tempo científico do século XX.

Novidades? Muitas. A história científica de uma instituição designada de *laboratório* e que tem a biografia de espaço científico configurado pelas mudanças de políticas científicas e de ideologias científicas que se vão formando na Faculdade de Letras, no âmago do Estado Novo. À volta deste espaço científico – em termos reais e virtuais – temos um alinhamento de actores principais – os foneticistas da circulação do conhecimento – e actores de segunda linha, evidenciando a importância dos técnicos invisíveis, sem os quais não haveria avanços de ciência, como o motorista do *carro-laboratório* de Armando de Lacerda que juntamente com sua Esposa se deslocavam pelos

campos, desafiando o pitoresco da cenografia de uma política de espírito alardeada pelo Estado Novo. E temos, também, bobines, qual sinal de uma modernidade fora do tempo nas *Letras de Coimbra*, ousadias de intelectuais de bata branca que lidavam com livros, com bobines e fitas de gravação, com fichas de registos etnográficos, com patentes, com registos de voz humana!

Este livro resultante de uma aturada investigação tem ainda outras particularidades. Um destaque especial para o privilégio da equipa de investigação ter a parceria e o entusiasmo da Família Lacerda. Pela memória e emoção científica, associadas ao afecto do património material e imaterial da casa da Rua do Almada, o neto, Paulo de Lacerda, transformou esse espaço num laboratório de memória científica para a construção de novas flores epistemológicas de história da ciência no século XXI. A outra particularidade reside na sólida ponte estabelecida com o Professor Francisco de Lacerda, não um familiar de sangue da casa portuense, mas a vivificação de família científica de um dos entusiastas da obra do Professor Armando de Lacerda.

Vamos pois, abrir as janelas e folhear, primeiro aleatoriamente, as páginas do livro. Depois, de forma cruzada e metódica, seguindo as pistas do *Índice Remissivo* e tomar contacto com o trabalho de um investigador invulgar: Quintino Lopes.

18 de Março de 2021, em Lisboa, cumprindo o confinamento imposto pela Pandemia Covid 19!

Maria de Fátima Nunes

Universidade de Évora/IHC-FCSH-UNL Pólo da U.E.